



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO SEMINÁRIO "BEM COMUM NA ERA DIGITAL"
PROMOVIDO PELO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A CULTURA
E O DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL**

*Sala Clementina
Sexta-feira, 27 de setembro de 2019*

[Multimídia]

Senhores Cardeais queridos irmãos e irmãs!

Dou as boas-vindas a todos vós participantes no Encontro sobre o “Bem comum na era digital”, promovido pelo Pontifício Conselho para a Cultura e pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral; e agradeço ao Cardeal Ravasi a sua introdução. Os desenvolvimentos notáveis no campo da tecnologia, em especial da inteligência artificial, estão a ter implicações cada vez mais significativas em todas as áreas da atividade humana; por conseguinte, considero que os debates abertos e concretos sobre esta matéria são necessários como nunca.

Na Encíclica sobre o cuidado da casa comum tracei um paralelismo fundamental: o benefício inquestionável que a humanidade pode obter do progresso tecnológico (cf. *Laudato si'*, 102) dependerá da medida em que as novas possibilidades disponíveis forem utilizadas de modo ético (cf. *ibid.*, 105). Esta correlação exige que, paralelamente aos imensos progressos tecnológicos em curso, haja um desenvolvimento adequado da responsabilidade e dos valores.

Caso contrário, um paradigma dominante — o «paradigma tecnocrático» (cf. *ibid.*, 111) — que promete um progresso descontrolado e ilimitado, impor-se-á e talvez até eliminará outros fatores de desenvolvimento com enormes perigos para toda a humanidade. Através do vosso trabalho, quisestes contribuir para prevenir este desvio e concretizar a cultura do encontro e do diálogo interdisciplinar.

Muitos de vós são atores importantes em vários âmbitos das ciências aplicadas: tecnologia, economia, robótica, sociologia, comunicação, cyber-segurança, e também filosofia, ética e teologia moral. Precisamente por isso, expressais não só diversas habilidades, mas também diferentes sensibilidades e abordagens dos problemas que os fenómenos como a inteligência artificial abrem nos setores de vossa competência. Agradeço-vos por terdes querido encontrar-vos num diálogo inclusivo — e fecundo — que ajude todos a aprender uns dos outros e não permita que ninguém se feche em esquemas já preestabelecidos.

O vosso principal objetivo é bastante ambicioso: alcançar critérios e parâmetros éticos básicos, capazes de fornecer orientações sobre as respostas aos problemas éticos suscitados pela utilização invasiva das tecnologias. Compreendo que para vós, que representais tanto a globalização como a especialização do conhecimento, deve ser difícil definir determinados princípios essenciais numa linguagem aceitável e partilhável por todos. No entanto, não desanimastes na tentativa de alcançar esse objetivo, enquadrando o valor ético das transformações em curso também no contexto dos princípios estabelecidos pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável definidos pelas Nações Unidas; de facto, as áreas-chave que explorais certamente têm impactos imediatos e concretos na vida de milhões de pessoas.

Há uma convicção de que a humanidade enfrenta desafios sem precedentes e completamente inéditos. Novos problemas exigem novas soluções: de facto, o respeito dos princípios e da tradição, deve ser sempre vivido numa forma de fidelidade criativa e não de imitações rígidas ou de reducionismos obsoletos. Por isso, penso que é louvável que não tenhais tido medo de declinar, por vezes até claramente, os princípios morais teóricos e práticos, e que os desafios éticos examinados tenham sido enfrentados precisamente no contexto do conceito de “bem comum”. O bem comum é um bem ao qual todos aspiram, e não existe um sistema ético digno do nome que não contemple este bem como um dos seus pontos essenciais de referência.

Os problemas que fostes chamados a analisar dizem respeito a toda a humanidade e exigem soluções que abranjam toda a humanidade.

Um bom exemplo pode ser a robótica no mundo do trabalho. Por um lado, poderá pôr fim a alguns trabalhos cansativos, perigosos e repetitivos — pensemos naqueles que surgiram no início da revolução industrial do século XIX — que muitas vezes causam sofrimento, tédio e esgotamento. Mas por outro, a robótica poderia tornar-se um instrumento puramente eficientista: utilizado apenas para aumentar lucros e rendimentos privaria milhares de pessoas do seu trabalho, pondo em risco a sua dignidade.

Outro exemplo são as vantagens e os riscos associados à utilização da inteligência artificial nos debates sobre as grandes questões sociais. Por um lado, será possível favorecer um grande acesso a informações confiáveis e portanto garantir a afirmação de análises corretas; por outro, como nunca antes, poderão circular opiniões tendenciosas e dados falsos, “envenenar” debates

públicos e até manipular as opiniões de milhões de pessoas, chegando a pôr em perigo as próprias instituições que garantem a convivência civil pacífica. Por isso, o desenvolvimento tecnológico do qual todos somos testemunhas exige que nos reapropriemos e reinterpretemos os termos éticos que outros nos transmitiram.

Se os progressos tecnológicos fossem causa de desigualdades cada vez maiores, não poderíamos considerá-los verdadeiros progressos. O chamado progresso tecnológico da humanidade, se se tornasse um inimigo do bem comum, levaria a uma infeliz regressão, a uma forma de barbárie ditada pela lei do mais forte. Por isso, queridos amigos, agradeço-vos porque com o vosso trabalho vos engajais num esforço de civilização, que será também medido pelo objetivo de reduzir as desigualdades económicas, educativas, tecnológicas, sociais e culturais.

Quisestes lançar bases éticas de garantia para defender a dignidade de cada pessoa humana, convictos de que o bem comum não pode ser dissociado do bem específico de cada indivíduo. Enquanto uma só pessoa for vítima de um sistema, por mais evoluído e eficiente que seja, que não valoriza a dignidade intrínseca e a contribuição de cada pessoa, o vosso trabalho não estará concluído.

Graças ao progresso da tecnologia é possível um mundo melhor, se ele for acompanhado de uma ética fundada numa visão do bem comum, uma ética de liberdade, responsabilidade e fraternidade, capaz de favorecer o pleno desenvolvimento das pessoas em relação com os outros e com a criação.

Queridos amigos, agradeço-vos este encontro. Acompanho-vos com a minha bênção. Que Deus vos abençoe a todos. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Obrigado.